

AGRONEGÓCIO

AJ00456

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

TRABALHO

O trabalho que é feito na Eres, como explica o coordenador Marcos Porto (foto abaixo), auxilia na melhoria da produtividade da cana-de-açúcar. Além de criarem frutos que produzem mais álcool, eles criam uma vespa que destrói a broca da cana



Fotos de Sandra Pacheco

Pesquisa com cana beneficia destilarias

Em convênio com uma universidade rural carioca, quatro empresas estão conseguindo produzir frutos melhores e, em conseqüência, mais litros de álcool



Sandra Pacheco

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

O último lançamento... de 28 milhões de...

A união entre destilarias de álcool do Norte do Espírito Santo e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) vem permitindo que as pesquisas desenvolvidas ainda na época do extinto Planalsucar, programa do Governo federal, tenham continuidade e hoje beneficiem o setor na região.

Atualmente quatro destilarias são conveniadas à UFRRJ: a Disa e a Alcon, de Conceição da Barra; a Lasa, de Linhares, e a Dasa, localizada em Serra dos Aimorés, Minas Gerais. Mas no início do projeto, em 1994, o número de empresas participantes era o dobro. O desligamento foi ocorrendo em função de crises no setor, no final dos anos 90.

Com a extinção do Planalsucar em 1992, as pesquisas estavam fadadas a parar, ou, pelo menos, serem drasticamente reduzidas. O corpo técnico do Instituto do Açúcar e do Alcool foi absorvido pelas universidades federais rurais espalhadas no país, mas as universidades não dispunham de orçamento para continuar com as pesquisas.

No Norte do Espírito Santo o sentimento era de abandono. "Agora ficamos órfãos", lembra o diretor geral da Disa, Frederico Martins Filho. Por dois anos, as destilarias da região ficaram discutindo o futuro do setor até que em abril de 1994 foi celebrado o convênio. "Mas a gente ainda sentia a dificuldade de operacionalizar as pesquisas por causa da distância", explica Gilberto Moreira Riscado, diretor do campus Leonel Miranda, da UFRRJ, localizado na cidade fluminense de Campos dos Goytacazes.

Estação experimental

Com o objetivo de racionalizar os custos de pesquisa, que já eram divididos apenas pelas quatro destilarias, foi criada a Estação Experimental Regional no Espírito Santo (Eres), na localidade de Sayonara, Conceição da Barra, em outubro de 2001.

As destilarias Disa e Alcon cederam uma área de 20 hectares, que compreende a Eres. Hoje o grupo está trabalhando para trazer de volta as destilarias que deixaram o convênio, com objetivo de incrementar as pesquisas. A estrutura e trabalhos da estação consomem um orçamento anual de aproximadamente R\$ 180 mil, pagos pelas empresas conveniadas. Os salários dos pesquisadores é pago pela universidade. "Queremos retornar com um modelo mais justo, porque no final das contas todas as empresas da região acabam tendo acesso e se beneficiam das pes-

quisas", destacou Frederico.

Na Eres, são plantadas todas as variedades RB, sigla de República do Brasil, oriundas de todos os projetos que hoje são desenvolvidos pela Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento Sucroalcooleiro (Ridesa), composta pelas sete universidades rurais federais do país. As sementes de variedade RB são espalhadas para as integrantes da Ridesa. Das 100 mil plântulas que a UFRRJ recebe anualmente no campus Leonel Miranda, metade vai para a Eres.

Para as indústrias de álcool da região, isto significa ganho de tempo.



PARCERIA

O projeto envolve as destilarias Disa e Alcon, de Conceição da Barra; e Lasa, de Linhares



DIVISÃO

Custos e vespas são divididos em cotas

O laboratório de Serra dos Aimorés é mantido atualmente por cinco destilarias. A Disa e a Cridasa, em Pedro Canário, possuem cerca de 28% das cotas. A Dasa, de Serra dos Aimorés, e a Lasa, de Linhares; ficam com quase 18% cada. Os 7% correspondem à cota da Alcon, de Conceição da Barra. Na mesma porcentagem são divididos os custos de R\$ 55 mil, em média, para manter o laboratório a cada mês. Hoje a unidade não possui mais vínculo com a escola técnica. Quando há produção excedente de Cotesia, é vendida para outras empresas, inclusive destilarias que formavam o convênio no início, mas com preço de mercado. O lucro com as vendas é descontado na divisão dos custos.

"Antes a gente tinha que esperar uma variedade dar certo lá no Rio para depois trazer para cá. Com isso havia uns três anos de diferença. Agora uma variedade que demoraria 15 anos para entrar no mercado, pode ficar pronta com 12 anos", calcula Frederico.

A necessidade de prazo maior ocorria por conta das diferenças de clima e solo entre o Norte fluminense e o Norte capixaba. "No Rio de Janeiro o solo é de tabuleiro; aqui é mais argiloso", exemplifica o diretor de produção da Alcon, Nerzi Dalla Bernardina Junior.

A Eres recebe variedades e clones (nome dado à planta ainda em expe-

O último lançamento de variedade RB (República do Brasil) foi no dia 22 passado, na própria Estação Experimental. Fruto de pesquisas desde o ano de 85, a variedade RB858927 foi lançada na Eres porque foi na região em que ela melhor se desenvolveu. As características da RB858927 são de colheita precoce, para o início da safra, que ocorre aproximadamente de abril a novembro na região. Com alto teor de açúcar, espera-se que a nova variedade produza cerca de 15% a mais de álcool por tonelada de cana-de-açúcar que as variedades anteriores. Outros clones, para o meio e o fim da safra, estão sendo pesquisados.

Vespas

Outra parceria que as empresas produtoras de álcool da região tiveram que fazer com instituição de ensino resultou na montagem da Associação de Pesquisa e Desenvolvimento Entomológico de Serra dos Aimorés (Apes), em Minas Gerais. Por meio de um convênio com a Escola Técnica Rural do município, um imóvel foi cedido em comodato para a montagem de um laboratório.

Lá são produzidas cer-

ca de 28 milhões de Cotesia flavipes, uma pequena vespa que parasita a broca da cana-de-açúcar, praga com maior incidência na região. "Mas as empresas conveniadas apresentam poucas áreas atingidas pela broca, porque o controle foi sendo executado sistematicamente desde 1989, na criação do laboratório", avalia a diretora executiva da Apes, Wilma Sedlmayer.

A vespinha entra na cana pelo mesmo buraco feito pela broca e introduz seus ovos no corpo da broca. Os cerca de 50 filhotes depositados se alimentam da broca, até que ela morra, aproximadamente 13 dias depois. Para produzir a vespa, o laboratório também precisa cultivar a broca.

O ataque ao canavial começa quando o adulto, sob a forma de mariposa, se acasala e a fêmea põe ovos na folha, ou no olho da cana. Pelo entremão as larvas se infiltram na cana, abrindo caminhos por onde se forma a podridão na planta. A broca pode até causar a morte do pé da cana. O controle biológico começou no Brasil em 1974, com vespas trazidas das Ilhas de Trinidad e Tobago, na América Central.

riência) com muitas características e para diversas condições climáticas. A tendência é que aquelas melhores adaptadas à região tenham desenvolvimento melhor. "Mais de 50% do que é plantado no país é variedade RB, e as principais delas estão plantadas na Eres", acrescenta Gilberto. Os mais de 600 clones plantados na Eres passam a ser selecionados, com a vantagem da planta estar crescendo de acordo com o as mesmas condições de clima e solo das destilarias capixabas. Além de seleção de variedades, o convênio permite estudos de controle biológico, adubação, herbicidas e tratos culturais.